

DUPLO ENCONTRO: O ALTER EM “THE JOLLY CORNER”, DE HENRY JAMES, E “O ESPELHO”, DE MACHADO DE ASSIS

André Cechinel (Doutorando em Teoria Literária, UFSC)

andrecechinel@yahoo.com.br

RESUMO: O presente ensaio pretende abordar a aparição do duplo nos contos “The Jolly Corner”, do escritor estadunidense Henry James, e “O Espelho”, de Machado de Assis. O desejo de comparar os dois contos decorre tanto de uma proximidade temática, que pode ser claramente percebida desde as linhas iniciais das narrativas, quanto de um distanciamento no modo como James e Machado “resolvem” a questão do encontro com um duplo fantasmático. Em poucas palavras, o desfecho de “The Jolly Corner” pode oferecer um contraponto interessante aos acontecimentos narrados pelo personagem Jacobina em “O Espelho”, principalmente no que diz respeito ao modo como o alter influencia as atitudes finais dos protagonistas dos contos. Em suma, tal comparação pode nos ajudar a compreender melhor as diferenças entre a aparição do duplo nos Estados Unidos e nos trópicos.

Palavras-chave: alter, Machado, James

No oitavo ensaio do livro *Por um novo Machado de Assis*, intitulado “Roberto Schwarz: *Um mestre na periferia do capitalismo* – um guia para leitores anglófonos”, John Gledson afirma que “é bastante provável que Machado nunca tenha lido Henry James, mas, como ele, cria o que Schwarz denomina ‘narradores em situação’, que escrevem, sempre, de um ponto de vista definido e limitado” (2006, p. 273). Muito

embora ateste o possível desconhecimento de Machado em relação a James, Gledson insiste repetidas vezes em comparar os dois autores – no início do referido capítulo, novamente a partir de Schwarz, o ensaísta comenta que *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, na originalidade de sua prosa, “poderia comparar-se a grandes inovadores como Henry James ou Proust” (2006, p. 273). Ora, Roberto Schwarz, já no célebre livro de 1977, *Ao Vencedor as Batatas*, percebe em James um exemplo da ambivalência (“seria a forma que não prestava - a mais ilustre do tempo - ou seria o país?” (2000a, p. 35)) própria de nações da periferia, uma vez que o autor, nascido nos Estados Unidos, busca na Inglaterra a verdadeira complexidade social que desejava retratar em suas obras. Em resumo, Henry James e Machado de Assis teriam uma espécie de cumplicidade textual, principalmente devido às relações entre centro e periferia – Estados Unidos / Inglaterra, Brasil / Portugal – abordadas ficcionalmente pelos autores.

Este ensaio se propõe a aproximar, pois, Henry James e Machado de Assis a partir de uma temática muito cara a ambos, a saber, a questão do encontro com o duplo. Conforme afirma Schwarz, dessa vez em *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*, a grande mudança ficcional efetuada por James se dá no “reconhecimento dos problemas ligados ao ponto de vista” (2000b, p. 179) – acompanhando, pode-se dizer, Todorov em sua leitura da obra do autor de *Portrait of a Lady*: em James, “cada acontecimento é descrito através da visão de alguém” (2003, p. 204), sempre indiretamente. Esse desvio aparece por vezes no deslocamento temporal operado pela narrativa, ou seja, um narrador que relembra um acontecimento passado envolto de mistérios. Em poucas palavras, o presente trabalho busca analisar o modo como o encontro com o duplo é narrado nos contos “The Jolly Corner” (“A Esquina Feliz”), de Henry James, e “O Espelho”, de Machado de Assis, atentando justamente para a questão do ponto de vista

da narrativa, sua relação com o espaço temporal. Publicado um ano após a morte de Machado, *The Jolly Corner* (1909) pode ser lido como uma espécie de contraponto ao desfecho de "O Espelho" (1882).

Antes de adentrarmos a análise mais detalhada de “The Jolly Corner” e “O Espelho”, cabe oferecer uma breve introdução a esses contos, ainda que correndo o risco de deixar alguns pontos relevantes momentaneamente de lado. O relato de Henry James é considerado um clássico das narrativas ditas "góticas", tendo em vista tanto a aparição de um duplo fantasmático quanto sua própria fórmula geral de narrar os eventos. Segundo Todorov, “The Jolly Corner” é “a última – e mais densa – das histórias de fantasmas que James escreveu” (2003, p. 250). Resumidamente, o conto trata da volta de Spencer Brydon aos Estados Unidos, volta essa que põe fim a um exílio voluntário de trinta e três anos vividos na Inglaterra. Em seu retorno, contudo, Brydon passa a questionar-se quanto a sua identidade: quem teria sido Spencer Brydon se, em vez de partido para a Europa, tivesse permanecido em sua terra natal? O conto, narrado em terceira pessoa, nos fala precisamente dessa busca incansável do personagem em torno do que poderia ter sido se tivesse escolhido um outro caminho. Esse tema, a rigor, é recorrente na literatura estadunidense, basta lembrarmos, por exemplo, do poema de Robert Frost intitulado “The Road not Taken” (“O Caminho Recusado”): o percurso que traçamos traz consigo a marca de uma estrada não visitada:

Two roads diverged in a yellow wood,
And sorry I could not travel both
And be one traveler, long I stood
And looked down one as far as I could
To where it bent in the undergrowth;

“O Espelho”, por sua vez, dispensaria maiores apresentações para o público brasileiro; o célebre texto de Machado aborda, como nos diz John Gledson em prefácio preparado para edição de contos selecionados, “a fragilidade da consciência da nossa identidade” (2007, p. 11). Em linhas gerais, a narrativa em terceira pessoa descreve a escalada social do personagem Jacobina, que, após ser nomeado alferes da Guarda Nacional, perde progressivamente o controle sobre suas "duas almas". Cabe explicar: o conto de Machado apresenta o subtítulo "esboço de uma nova teoria da alma humana", oriundo da tese defendida pelo personagem principal dos eventos narrados. Segundo Jacobina, “cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...”. Essa tese, como veremos mais adiante, será ponto chave para entendermos melhor a questão do duplo em “O Espelho” e sua particularidade quando confrontada com “The Jolly Corner”.

A abertura dos dois contos marca de saída um ponto em comum: Spencer Brydon e Jacobina são personagens envoltos em um silêncio fugidio, como se absorvidos por uma atmosfera transcendental, algo que escapa às palavras. Colocado de outra forma, as linhas iniciais de “O Espelho” marcam um hesitar da narrativa, decorrente justamente dessa presença ausente de Jacobina: “Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência [...]. Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando [...]”. Como nos diz a narrativa, esse quinto personagem não controverte nada; só uma questão lhe chama a atenção, um evento passado. Já em “The Jolly Corner”, Spencer Brydon comenta que “every one asks me what I ‘think’ of everything, and I make answer as I can – begging or dodging the question, putting them off with any nonsense”. Para o personagem, somente algo em particular que se passava

com ele lhe despertava o interesse. Conforme dito, a entrada dos contos nos coloca a par de questões fundamentais, que chegam a ponto de tirar parcialmente os personagens de seu campo social. São dessas histórias inebriantes que se ocupam os relatos dos contos.

Dessa maneira, introduzido o tom "transcendental", as narrativas falam, então, de dois movimentos que marcam uma experiência de choque, um embate fundamental, pode-se dizer. Em outras palavras, "O Espelho" e "The Jolly Corner" voltam-se para duas direções complementares, uma chegada (intrusão) e uma saída (ou retorno), respectivamente. Na narrativa de Machado de Assis, o personagem Jacobina, expondo retrospectivamente seu grande evento, lembra que, após ser nomeado alferes da guarda nacional, passa a ser tratado de modo diferenciado por todos, especialmente por uma de suas tias, D. Marcolina, que insistia em chamá-lo de "seu alferes", abandonando inclusive o Joãozinho que até então lhe servira de alcunha. De Joãozinho para senhor alferes, em suma. Convidado pela tia a visitar sua fazenda, Joãozinho-alferes faz sua viagem acompanhado do fardamento, pois, a bem da verdade, o item era objeto de interesse geral. A intrusão antes aludida se dá quando D. Marcolina coloca no quarto do sobrinho "um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples...". Ora, ao destoar do restante da mobília – adicionando-se a isso o fato de que suas origens remetem à corte de D. João VI –, o espelho pode se lido como um item intruso, algo que chega de fora para dar elegância ao espaço rudimentar da fazenda, como se vindo de Portugal para potencializar a farda do alferes, digamos: "Jacobina só se reconhece a si mesmo enquanto se espelha no olhar do outro, provando assim que a fôrma social imposta de fora é a matriz da sua identidade" (BOSI, 2007, p. 161).

Em “The Jolly Corner”, temos, como dito, uma saída, ou, se preferirmos, uma sorte de retorno. Conforme afirmado anteriormente, Spencer Brydon deixa a Inglaterra para voltar a sua terra natal, os Estados Unidos. A experiência de choque ocorre precisamente nessa saída (ou chegada): o país que deixou há mais de trinta anos já não se parece em nada com o que Brydon vê hoje – as mudanças são muitas e o tempo vivido na Inglaterra não pode ser simplesmente apagado: “he missed what he would have been sure of finding, he found what he would have never imagined. Proportions and values were upside-down”. Ou seja, em seu retorno, Brydon depara-se com as inevitáveis mudanças de tudo aquilo que no passado havia abandonado; a dificuldade principal agora seria, assim, enfrentar essas mudanças, encarar os fantasmas do passado. Vale insistir na comparação: em "O Espelho", o elemento intruso dá as cartas, de fora para dentro; em "The Jolly Corner", temos uma situação de reincorporação, como se a cidade absorvesse novamente aquilo que no passado fora expelido, ou melhor, um movimento de readaptação. O principal interlocutor de Spencer Brydon no conto, Miss Staverton, representa parte dessa vida que o personagem abandonara para se aventurar na Inglaterra; conhecedora das transformações ocorridas em Nova York durante a ausência de Brydon, Staverton pode ser lida justamente como uma ponte que uniria as duas partes de um intervalo: “the old people had mostly gone, the old names were unknown [...]”. Staverton, entretanto, ali estava, unindo tempo presente e tempo passado.

Dois contrastes: um espelho vindo de Portugal e destacando-se em ambiente modesto, um estadunidense de volta ao seu país e estranhando o desenvolvimento do cenário urbano. No conto de Machado, o encontro com o duplo ocorre em momento de total isolamento. Certo dia, a tia Marcolina é obrigada a sair da fazenda em que o alferes

estava hospedado para cuidar de uma de suas filhas, deixando-o apenas com os poucos escravos da casa. A verdade é que, apesar das cortesias iniciais, os escravos decidem abandonar a fazenda e o “nhô alferes”, que se vê em contato exclusivo com galos, galinhas “um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois”. Acostumado com os elogios que a farda lhe garantia, Joãozinho percebe-se em sua solidão maior, sem uma alma sequer para lembrá-lo de sua privilegiada condição social. Somente o espelho... Em resumo, ao olhar-se uma primeira vez no espelho, Joãozinho-alferes vê apenas uma figura esfumada, difusa, “sombra de sombra”, em suas próprias palavras. Deixado sozinho com os animais, nada resta do sobrinho de D. Marcolina senão um reflexo parcial. No entanto, para voltar a sua condição social anterior, o alferes decide vestir sua roupa em frente ao espelho – somente com a roupa de alferes é que o espelho pode refleti-lo em sua totalidade: “não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes [...]”. Ao relatar sua história para os companheiros, o personagem parece reconhecer o que lhe acontecera: “daí em diante, fui outro”; segue disso o jogo tantas vezes lembrado pela crítica: aferes, alfer, alter. Somente o espelho português, finalmente, para projetar a imagem como um todo.

O conto de Henry James aborda um descompasso diferenciado. Spencer Brydon, de volta aos Estados Unidos, passa a administrar de perto as propriedades que lhe garantiam uma vida estável na Europa. Eram duas as propriedades: a primeira ficava localizada na “esquina feliz”, ponto onde vários membros da sua família haviam vivido (a “esquina feliz” podendo significar justamente esse reencontro com um passado abandonado); a segunda, por sua vez, situava-se em um local não tão privilegiado quanto o primeiro, servindo, pois, aos novos empreendimentos financeiros do

proprietário. Em contato próximo com sua fonte de renda, Brydon, que vivia de alugueis, percebe que poderia ter sido um ótimo empreendedor se tivesse permanecido nos Estados Unidos; inicia-se, então, seu questionamento obsessivo sobre sua identidade atual, confrontando-a exatamente com esse "poderia ter sido". Seu encontro com o duplo ocorre, como haveria de ser, na "esquina feliz": Brydon se convence de que a casa de seus antepassados é habitada pelo seu alter-ego, por aquele que ele deveria ter sido. Em sua busca, o personagem depara-se com um sujeito "spectral yet human, a man of his own substance and stature", com uma de suas mãos mutilada. Frente a frente com seu duplo, Brydon reconhece toda a sua vida de privilégios na Inglaterra, fato que lhe impediu de ser um sujeito "cicatrizado". Em suma, o encontro faz-se revelador: Brydon desmaia, como se tomado por uma epifania insuportável, sendo resgatado da casa por Miss Staverton.

Tal como afirmado anteriormente, o desfecho dos dois contos pode ser lido paralelamente, como se em confronto. Em "O Espelho", o personagem principal se vê preso a uma necessidade de repetir o ato frustrado, de ser outro, enfim: para se ver como totalidade, o alferes deve colocar sua roupa e olhar-se refletido em um espelho que vêm de fora, em uma imagem que lhe é concedida por um objeto totalmente alheio a sua realidade. Já no conto de Henry James, o encontro com o duplo provoca uma espécie de desmaio revelador: Spencer Brydon é resgatado da "esquina feliz", desse local de encontro consigo mesmo, por sua grande amiga, Miss Staverton, que, a partir de então, torna-se muito mais que uma amiga – se quisermos, por fim, Brydon encontra sua redenção através do amor. A última linha de "The Jolly Corner" nos mostra Brydon aproximando Staverton ao seu peito, em gesto obviamente simbólico de um reencontro: "she murmured as he drew her to his breast". O final do conto de Machado, enfim, pode

ser prontamente lido a partir da tese de Schwarz sobre as “idéias fora de lugar” (2000a), uma vez que é o espelho português que concede ao alferes uma imagem totalizante, ainda que fundamentada a partir da idéia de um outro.

Ora, a tese das duas almas, interna e externa, alude justamente a uma cisão que marca o personagem do alferes. A alma interna diz respeito, possivelmente, ao que nos fundamenta de dentro para fora; já a alma externa “pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação” – algo fugidio, em uma só palavra. As linhas finais de “O Espelho” narram a vitória da alma externa, da farda e do espelho, sobre a alma interna, sobre o antigo Joãozinho. É bem verdade, contudo, que a história do alferes é narrada retrospectivamente, podendo-se daí concluir que houve uma determinada lição adquirida. Diferentemente do conto de Henry James, no entanto, o texto de Machado encerra, como visto, com a afirmação de uma dependência em relação a algo vindo de outro lugar; em vez de um reencontro com a terra natal, tal como em “The Jolly Corner”, temos um adiamento estimulado pela intrusão do espelho, objeto que fantasia uma imagem totalizante. O amor entre Spencer Brydon e Miss Staverton significa, no limite, o acerto de contas entre o desertor e sua terra natal. Caberia, se fôssemos dar seqüência à análise comparativa dos contos, atentar para o fato de que a dependência do alferes em torno do espelho poderia estar relacionada a uma história situada para além dos eventos ali narrados. Isso seria objeto, é claro, de um novo estudo.

Para finalizar, seria proveitoso fazer uma rápida menção a um outro conto de Henry James, chamado “The Beast in the Jungle” (“A Fera na Selva”), comumente lido em confronto com “The Jolly Corner”. De acordo com Todorov, leitor dos fantasmas na

obra de James, “‘Le coin Plaisant’ é a versão menos desesperada” da figura jamesiana apresentada em “The Beast in the Jungle” (2003, p. 254). O objetivo da comparação aqui é demonstrar que, apesar de estar em aparente oposição ao conto “The Jolly Corner”, “A Fera na Selva” preserva a idéia de uma lição compreendida, o que novamente distancia os desfechos das narrativas de James daquela oferecida por Machado em “O Espelho”. Em poucas palavras, este segundo conto do autor, datado de 1903, nos fala do percurso de John Marcher, personagem conhecido pelo curioso fato de que, a rigor, nada de especial lhe acontece na vida. Ao contrário do que seu nome sugere (Marcher, march, marchar), Marcher é figura passiva, estagnada, que permanece aguardando que algo de grande lhe aconteça, mas nada faz para que isso de fato ocorra.

A cena que abre “The Beast in the Jungle” nos leva ao revelador reencontro de John Marcher com May Bartram, muitos anos após travarem conhecimento na Itália, ou, mais especificamente, em Nápoles. A lembrança que Marcher tem desse primeiro contato com May é bastante nebulosa – pensava tê-la encontrado em Roma, não em Nápoles, e pouco recordava do que lá havia se passado –, ao passo que May lembrava de absolutamente tudo, pois o encontro havia sido, para ela, inesquecível, um verdadeiro ponto inaugural em sua vida. Em poucas palavras, apesar de não lembrá-lo, Marcher havia então revelado a May seu segredo maior, relacionado à contínua espera pelo grande acontecimento, pela coisa em si, dia em que a fera, sempre à espreita na selva, enfim se revelaria e o atacaria. Conforme havia notado no passado, esperar tal evento incluiria, logicamente, abrir mão de uma série de coisas, inclusive de uma vida amorosa estável – afinal de contas, um cavalheiro nunca submeteria sua dama ao ataque da fera, que, embora sem data marcada, certamente viria. Finalmente, quando questionado por May se o dia da grande ocasião já havia chegado, Marcher revela que não, que

continuava aguardando “a coisa mais profunda”. Interessada por tal evento, May decide acompanhar Marcher em sua espera, ainda que o último exija dela certo afastamento, para melhor preservá-la da gravidade do episódio vindouro.

O tempo passa e, como era de se esperar, a dia do grande evento parece não se aproximar – ao menos não da maneira como Marcher o concebe. Quem se aproxima cada vez mais, entretanto, é May, que se coloca como auxiliar do primeiro na tentativa de fazê-lo “passar por um homem como qualquer outro”. É ela quem, ao lado dele, entrega-se “à própria lei”, coloca-se no “colo dos deuses”, muito embora sua cumplicidade não se consolide em uma relação concreta entre os dois. Certo dia, passado algum tempo, May fica doente, e é nesse momento que se dá a grande virada do conto: Marcher fica sabendo, através da fragilizada May, que o dia do grande evento já passou e ele sequer percebeu. Aquilo que seria o grande ataque, dia da aparição da coisa em si, já havia ocorrido, e Marcher estava ali, parado, estático como sempre. Ele insiste em perguntar o que fora esse acontecimento, o que poderia ter sido isso que ele sequer notou, mas a doente parece decidida a não lhe revelar facilmente a resposta. O que resta a Marcher, após a morte de May, é o fato de que ao menos ela sabia o quão especial ele havia sido, somente ela era conhecedora do ataque da fera e de sua tão longa espera. É a isso que ele se apegava, passando longas horas no cemitério junto da laje onde jazia sua cúmplice – único local onde sentia, pois, ter valido todo o seu aguardar.

É em uma dessas estadias no cemitério, junto ao segredo que partilhava com May, que Marcher avista um estranho, cujas feições muito lhe chamam a atenção: “Marcher reconheceu nele, de imediato, alguém profundamente atingido – uma percepção tão aguda, que nada mais na sua figura se impôs, nem a roupa, a idade, o presumível caráter (...). Que é que o homem teria tido, cuja perda fazia sangrar assim e ainda viver?”. A

partir dessa pergunta Marcher finalmente faz seu primeiro movimento; é a partir da visão de uma face destruída, marcada pelas dores de uma perda, que ele entende, então, qual fora sua grande derrota. Retrospectivamente, Marcher nota que a fera havia sim atacado, não apenas uma, mas várias vezes, impedindo que ele percebesse a presença daquela que, ao lado dele, se colocara fielmente para enfrentar todos os obstáculos, inclusive os que só ele percebia. O personagem desperta para o horror maior: ter passado a vida inteira esperando passivamente por aquilo que veio e não foi avistado. As marcas do outro homem contrastam vivamente com a sua espera anterior, cheia de precauções e reservas. Ao contrário do desconhecido, riscado de tanto sofrer, Marcher soube somente criar expectativas, não agir efetivamente.

Tal como Spencer Brydon em “The Jolly Corner”, Marcher só se reconhece a si mesmo quando se depara com um corpo marcado por cicatrizes; contudo, diferentemente da resolução dada por James nos primeiro conto, o personagem já não pode mais ser resgatado pelo amor de uma mulher, pois sua tomada de consciência em relação à passividade de seus atos se dá tardiamente. Ora, se as linhas finais dos contos de James se distanciam em um aspecto tão importante, que resulta inclusive na morte-vida dos personagens, de que modo podemos separá-los e confrontá-los com “O Espelho”, de Machado de Assis? Como apontado antes, a diferença principal está justamente nessa tomada de consciência, que, tardia ou não, é visível em ambos os contos de James. Nesse sentido, tanto em “The Jolly Corner” como em “The Beast in the Jungle”, as cicatrizes do “outro” espelham a situação em que se encontram os personagens principais da narrativa, funcionando, pode-se dizer, como uma resolução – pelo menos parcial – de um problema.

O conto do escritor brasileiro, por outro lado, preserva, conforme assinalado, a suspensão do conflito: "cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir". Para enfrentar um abandono, o alferes veste-se de outro repetidamente e concede ao espelho o poder sobre sua identidade. Diferentemente da derrota ou da vitória nos contos de James, a história machadiana privilegia um ato repetitivo, que sugere, pois, a servidão voluntária do personagem. Encerrado o relato de sua história, o quinto elemento do debate acerca das questões de alta transcendência sai silenciosamente, novamente sem controverter nada: "quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas". Em James, enfim, a "lição" é clara; em Machado, o silêncio do personagem ecoa seus gestos passados.

ABSTRACT: This essay aims at dealing with the apparition of the alter in the short stories "The Jolly Corner", by American writer Henry James, and "O Espelho", by Brazilian writer Machado de Assis. The idea of comparing the two narratives comes not only from a thematic proximity – which can be promptly seen from the initial lines of the short stories –, but also from the distance in the way James and Machado "solve" the question of the encounter with the fantasmatic alter. In a few words, the closure of "The Jolly Corner" can work as an interesting counterpoint to the events narrated by Jacobina in "O Espelho", mainly in relation to how the alter influences the final attitudes of the protagonists. To sum up, such a comparison may help us to better understand the differences between the apparition of the alter in the United States and in the tropics.

Keywords: alter, Machado, James

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: O Enigma do Olhar*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GLEDSOON, John (Ed.). *50 Contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

JAMES, Henry. *A Fera na Selva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

_____. *The Jolly Corner*. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/dirs/1/1/9/1190/1190.txt>.

Acesso em: 10/01/2008.

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2000a.

_____. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2000b.

TODOROV, Tzvetan. *Poética da Prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.